



III SEMINÁRIO NACIONAL FONTES DOCUMENTAIS E PESQUISA HISTÓRICA

COMUNICAÇÃO ORAL

AS PRÁTICAS EDUCATIVAS DA DANÇA E O DESPERTAR DAS POTENCIALIDADES DO CORPO: RELATOS DE EXPERIÊNCIAS COM A DANÇATERAPIA

Eulina Souto Dias (UFCG)¹⁸²

soutoeulina@gmail.com

Resumo: na primeira metade do século XX a bailarina e coreógrafa María Fux desenvolveu um método que se dirige às crianças, adolescentes, adultos, idosos, e se aplica no campo da educação e da reabilitação com pessoas que têm dificuldades relacionais ou psíquicas, deficiências físicas ou sensoriais. Esse método - que recebeu o nome de dançaterapia - é um caminho de reapropriação da linguagem corporal por meio de estímulos criativos que favorecem a conjunção do movimento ao “sentir”. Partindo disso, esse trabalho tem por objetivo analisar como as práticas educativas do corpo dentro da dançaterapia podem possibilitar aos indivíduos outras experiências consigo desenvolvendo potencialidades do corpo. Para tanto, será utilizada como fonte uma das cartas que foi enviada a María Fux – e mais tarde publicada em um livro – que contém os relatos de experiências daqueles que tiveram contato com o método supramencionado. Para analisar tal relato será utilizada a metodologia de análise do discurso, a partir de Michel Foucault (2014), e os principais conceitos que atravessam a escrita desse trabalho são corpo, práticas educativas, dança e experiência.

Palavras-chave: corpo; experiência; dançaterapia.

“Enquanto danço sinto-me em outro mundo, imenso, infinito.”¹⁸³

No ano de 2017, em meio as pesquisas que eu estava desenvolvendo, descobri a bailarina María Fux. Esse encontro possibilitou descobertas que me conduziram a trilhar

¹⁸² Atualmente, mestranda no Programa de Pós-graduação em História da UFCG na linha de História Cultural das Práticas Educativas, a autora desenvolve pesquisas relacionadas a História do Corpo, da Dança e aos Estudos Pós-estruturalistas de Gênero. É orientada pelo professor doutor Azemar Soares dos Santos Júnior que atua como professor Adjunto do Departamento de Práticas Educacionais e Currículo na Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Campus Natal, e é professor colaborador do Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal de Campina Grande.

¹⁸³ Fragmento extraído da carta de Mónica, publicada no livro Dançaterapia (María Fux, 1988).





III SEMINÁRIO NACIONAL FONTES DOCUMENTAIS E PESQUISA HISTÓRICA

por caminhos que ainda desconhecia naquele momento. A mencionada bailarina e coreógrafa ficou reconhecida pelo desenvolvimento de um novo método de utilização da dança, e, a epígrafe acima - que narra experiências do sentir no ato da dança - foi extraída de uma carta endereçada a María Fux, em 1979, por uma de suas alunas. Pude ter acesso a tais cartas, pois, em 1988, foi publicada uma obra na qual essa professora não só relatou suas experiências, mas anexou uma parte das cartas que recebeu de seus alunos e alunas.

O método desenvolvido por María Fux foi nomeado como dançaterapia. O que é a dançaterapia? A sua desenvolvedora o compreende como um método de reapropriação da linguagem corporal por meio de estímulos criativos. Na dançaterapia o foco não é o desenvolvimento de coreografias ou uma dança uniforme, mas o respeito as individualidades e multiplicidades. As pessoas participantes são incitadas a desenvolverem movimentos a partir do sentir – e o sentir é muito particular – eis o motivo de cada participante vivenciar essa experiência de maneira, essencialmente, singular.

A partir do que é mostrado na página do *Centro Internacional de Dançaterapia María Fux*¹⁸⁴ o corpo humano é naturalmente predisposto ao movimento. A pele, os músculos, a estrutura óssea são um convite constante à dança concebida como capacidade profunda de expressão, comunicação, relação. Contudo, a doença, os traumas, a depressão e a perda de interesse pelo que está ao nosso redor faz com que nos afastemos de nós mesmos e entremos nos campos nebulosos do "não sentir". Desse modo, a dançaterapia surgiu como um movimento de afirmação e de recuperação também da própria identidade, como uma forma de poder reconduzir o indivíduo à dimensão do prazer, do equilíbrio, da criação.

É importante ressaltar que a página supramencionada deixa claro que essa prática não substitui intervenções clínicas, médicas ou psicológicas, mas as complementa percorrendo caminhos outros ligados à afetividade, sensibilidade, emoção. A Dançaterapia possui uma ampla área de atuação, pois se dirige às crianças, adolescentes, adultos, idosos, e se aplica no campo da educação e da reabilitação com pessoas que têm dificuldades relacionais ou psíquicas, deficiências físicas ou sensoriais. Sendo bastante utilizada

¹⁸⁴ <http://dancaterapia.org/dancaterapia/> <acesso em 04/11/2019>.





III SEMINÁRIO NACIONAL FONTES DOCUMENTAIS E PESQUISA HISTÓRICA

também nos trabalhos de superação dos bloqueios emocionais, no contato com o outro e com o próprio corpo.

María Fux desenvolveu também técnicas para ajudar aqueles que possuíam alguma deficiência sensorial e motora a despertarem os potenciais adormecidos no corpo. Embora, a princípio, ela não utilizasse a palavra terapia, a forma como seu trabalho foi recepcionado por psicólogos e psiquiatras da época, reconhecia naquilo que ela estava desenvolvendo possibilidades de mudanças positivas no corporal e psíquico dos indivíduos que passavam por essa experiência na qual eram provocados a se autoconhecerem, e, conseqüentemente, transformarem as relações que estabeleciam com seus próprios corpos. A autora alerta que o silêncio que rodeia aqueles que ouvem nunca é total, pois a memória auditiva impede que as músicas, vozes, palavras etc. sejam esquecidas. Entretanto, trabalhar a dança com deficientes auditivos demandava pensar outras possibilidades de práticas educativas que saíssem do modelo que costumava ser reproduzido nas aulas de dança.

As práticas educativas do corpo por meio da dança podem possibilitar aos sujeitos constituírem experiências estéticas inovadoras que se expressam na criação de um indivíduo autônomo - que escapa às normas, os padrões e transgride espaços - que é capaz de fazer emergir novas poéticas. Neste momento trago ao texto um fragmento de uma das cartas endereçadas a María Fux. Na correspondência, escrita por uma mulher que assina com o nome de Mónica, pode-se ver um relato de alguém que vivenciou um processo de autoconhecimento e despertar para outras formas de ser, após tocada, afetada e transformada na experiência com a dança. Mónica relata:

“Sinto que não tenho limites. Eu sei que tenho limites. Embora pareça ridículo, a contradição é assim. Se é que existe um limite, já não o sinto [...] é difícil pensar nisso quando danço. Pensá-lo é difícil. Senti-lo é impossível [...] eu me sinto muito bem. Estou contente. Descubri em mim poderes e capacidades que não conhecia.” (FUX, 1988, p. 101)¹⁸⁵

¹⁸⁵ Todos os fragmentos de cartas que aparecerão nesse texto foram extraídos de María Fux (1988).





III SEMINÁRIO NACIONAL FONTES DOCUMENTAIS E PESQUISA HISTÓRICA

Embora na narrativa de Mônica fique compreensível que ela possui alguma deficiência, na carta não é dito qual é seu diagnóstico. Contudo, sua escrita sensível fala sobre o seu lugar de sujeito da experiência que – quando dança – alcança um estado de espírito livre. O conceito de espírito livre, pelo olhar de Friedrich Nietzsche (2018), dialoga fluentemente com o corpo que dança e ressignifica seu existir através dessa arte. Ela diz não perceber suas limitações enquanto dança e afirma que essa vivência a possibilitou despertar para as potências adormecidas, aquelas que estavam em si, mas ela ainda desconhecia.

Para pensar o conceito de arte, supramencionado, me aproprio do que Friedrich Nietzsche (2011), que mostra em o *Nascimento da Tragédia* o universo apolíneo e o dionisíaco. Faço uso, sobretudo, do dionisíaco para discorrer sobre o eternamente-criar-a-si-próprio e “a dança desenfreada da vida que, enlaçadora, sedutora, tentadora, exploradora, descobridora, se move para-além do bem e do mal” (MARTON, 2000, p. 143).

Faço um mergulho no mundo dionisíaco em busca da principal aliada de Nietzsche que aparece em *Assim Falava Zaratustra*: a dança. A dança, assim como a vida, é movimento. Ela representa novas possibilidades de expressão, pois como alerta (MARTON, 2000, p. 147) “com o ritmo o mundo deixa de ser estável; com os gestos, a linguagem deixa de ser unívoca. E as ideias ganham leveza [...] não é por acaso que Nietzsche faz dela sua companheira para atacar a gravidade dos valores estabelecidos”.

Nietzsche mostra que o espírito de peso é o principal adversário de Zaratustra, por isso ele faz da dança sua principal aliada. Zaratustra anda, corre, salta, baila, faz uso da alegria dionisíaca deslocando-se no espaço e no tempo para combater o espírito de peso que sofre de paralisia da vontade. Ele dança com a vida e faz da vida uma dança, atacando o que paralisa a alma. Nietzsche utiliza-se da dança para mostrar ao seu leitor o espírito dionisíaco e o espírito de leveza. É na dança que os sujeitos alcançam as coisas mais elevadas: o caminho para o além-do-homem.





III SEMINÁRIO NACIONAL FONTES DOCUMENTAIS E PESQUISA HISTÓRICA

A dança, assim como a música, para Nietzsche, são expressões da vida e tem um valor transformador. Na dança, os impulsos vitais conduzem o ser a transcender para além de si mesmo. Tendo em vista essa discussão, retomo a carta de Mónica, onde ela relata:

Enquanto danço sinto-me em outro mundo, imenso, infinito. Essa sensação dura até algum tempo depois de ter terminado de dançar. Depois a excitação vai embora e volto à realidade. É então que começo a ver as mudanças reais, o que realmente essa dança me deixou, e é aí que me sinto maior e posso ver objetivamente que posso; e em algum momento de maior tranquilidade, no qual posso pensar racionalmente, sem excitações, também posso ver esse limite, que existe; e a partir daí, de saber que existe, posso afastá-lo (FUX, 1988, p.101).

Por meio da carta de Mónica é possível perceber que o discurso que ela constrói acerca de sua experiência com a dança fala de uma dança que transforma as subjetividades dos sujeitos que a praticam. Ela aponta para a produção de um processo de autoconhecimento, de criação e de (re)construção do próprio “eu”. Preciso ressaltar, contudo, que por meio de outras pesquisas já desenvolvidas, pude constatar que nem todas pessoas que vivenciam a experiência com a dança passam por esse processo de transformação de si, mas como o trabalho em questão discute a dançaterapia, o foco está direcionado para análise de uma carta de quem afirma ter vivenciado esse processo de desterritorialização e de devir, após ter o encontro com a dança.

Dialogando com Gilles Deleuze e Félix Guattari (2010), entendo esse conceito de desterritorialização como um movimento pelo qual se abandona o território, que é o lugar da estabilidade e da ordem. Assim, o sujeito que se permite desterritorializar é aquele que se abre à experiência e transformação de si, e, em concomitância, vivencia a desordem de quem não permanece no mesmo lugar e navega pelo desconhecido descobrindo novas percepções, novos saberes, novas formas de construir a si mesmo.

No que concerne ao conceito de devir, os gregos antigos usavam a ideia de devir para explicar a transformação das coisas, o movimento que criava o novo. E eu, submersa no mar de escritos do filósofo Gilles Deleuze, observei que ele apropria-se desse conceito de devir e o pensa como consequência dos encontros, pois para ele, a partir do encontro e da mútua afetação, algo novo pode ser experienciado. De acordo com Márcio Silva (2010,





III SEMINÁRIO NACIONAL FONTES DOCUMENTAIS E PESQUISA HISTÓRICA

p. 91) “o devir diz respeito não ao que somos, mas ao que estamos em via de nos tornar, ao que podemos nos tornar a partir das conexões que vivenciamos [...] o devir não define um destino, antes assinala que o destino de todas as coisas é a permanente transformação”.

Analiso o relato de Mónica, em diálogo com os conceitos de desterritorialização e devir, enquanto penso a arte, como poiesis, ou seja, como construção do ser criativo, como um acontecimento estético em que o sujeito e objeto podem se fundir e doar sentidos intensos à existência. Assim, a dança - como uma expressão artística - pode incitar à fabricação de uma existência de maneira potente, intensa e livre. Quando isso acontece, a arte então funciona para potencializar a vida daqueles que entram em contato com ela. Com vistas nisso, esses sujeitos são atravessados por experiências que modificam seu ser singular

A dança pode reforçar a visão dionisíaca da vida. Pode ser superação, paixão, êxtase. A transformação do espírito em pássaro, que leve e ligeiro, voa livremente acima de todas as coisas e além do bem e do mal. Ela pode ser um lugar de potencialização de uma vida livre possibilitando aos sujeitos investirem e si mesmos, aguçando a percepção, os sentidos e melhor assumindo desejos interiores e também toda as potencialidades do corpo. Ao relatar sobre como a dança mudou sua relação com seu corpo, Mónica diz:

Estou muito melhor com meu corpo. Fisicamente melhorei meu equilíbrio, minha coordenação, e posso, em geral, mover-me muito mais e melhor e mais segura que antes. E também estou me reconciliando com meu corpo. Agora eu o valorizo muito mais, é muito mais útil para mim, gosto dele [...] sinto mais meu corpo. Sei que mais coisas posso fazer e como fazer, manejo-o melhor [...] só agora que compreendo a dissociação que estávamos antes e a melhor integração que existe agora. (FUX, 1988, p.102).

A narrativa de Mónica alerta para como a dança teria lhe possibilitado melhor conhecer o seu corpo e as suas limitações para, assim, poder transpassá-las. De acordo com a sua fala, a dançaterapia proporcionou melhorias não apenas no que concerne ao equilíbrio, coordenação e segurança, mas também acerca das suas percepções sobre seu próprio corpo. Após essa experiência ela tem aprendido a melhor governar o seu corpo e viver harmonicamente com ele e as singularidades que o constituem.





III SEMINÁRIO NACIONAL FONTES DOCUMENTAIS E PESQUISA HISTÓRICA

De acordo com os resultados obtidos nessa investigação ficou compreendido que, majoritariamente, aqueles que vivenciam uma pedagogização do corpo através da arte, são atravessados por forças que os arrasta para outros lugares, outras experiências no processo de construção de si mesmo dentro do exercício da existência. Pois, na dança, como possibilidade artística, pode haver o deslocamento de um corpo formatado, padronizado e obediente, à constituição de um corpo expressivo, criativo e insurgente a partir da sensibilidade e ousadia. Atualmente, María Fux possui 97 anos de idade. Seu trabalho influenciou gerações de bailarinos e coreógrafos alcançando outros países. Suas ações educativas tinham o propósito, dentre outras coisas, possibilitar novas experiências àqueles que viviam relegados a não participar de grupos ativos da sociedade por terem o diagnóstico de algum tipo de deficiência. O trabalho desenvolvido por María Fux oportunizou que indivíduos pudessem superar-se reconquistando o sentido da vida humana, ultrapassando os preconceitos, as rejeições e os estigmas.

FONTE

FUX, María. **Dançaterapia**. Tradução de Beatriz A. Cannabrava. São Paulo: Summus, 1988.

REFERÊNCIAS

BORGES, Hélia. Aproximação de uma estética do estranho. In: CALAZANS, Julieta. CASTILHO, Jacyan. GOMES, Simone. (orgs.) **Dança e educação em movimento**. - São Paulo: Cortez, 2003.

CALAZANS, Julieta. Tempos de trabalho corporal com Agenl Viana. In: CALAZANS, Julieta. CASTILHO, Jacyan. GOMES, Simone. (orgs.) **Dança e educação em movimento**. - São Paulo: Cortez, 2003.

CASTILHO, Jacyan. Análise do movimento e consciência corporal - o movimento como educação para o ator-bailarino. In: CALAZANS, Julieta. CASTILHO, Jacyan. GOMES, Simone. (orgs.) **Dança e educação em movimento**. - São Paulo: Cortez, 2003.

CASTRO, Ana Lúcia de. **Culto ao corpo e estilos de vida**: o jogo da construção de identidades na cultura contemporânea. Revista Perspectivas, São Paulo, jan/2008.





III SEMINÁRIO NACIONAL FONTES DOCUMENTAIS E PESQUISA HISTÓRICA

CASTRO, Ana Lúcia. **O corpo como território de construção de identidades na cultura contemporânea.** Revista Perspectivas, 2008.

COSTA, Mauro Sá Rego. Dançando com o corpo sem órgãos. In: CALAZANS, Julieta. CASTILHO, Jacyan. GOMES, Simone. (orgs.) **Dança e educação em movimento.** - São Paulo: Cortez, 2003.

COURTINE, Jean-Jacques. O corpo anormal: História e Antropologia culturais da deformidade. In: CORBIN, Alain. COURTINE, Jean-Jacques. VIGARELLO, Georges. (orgs.) **História do corpo - As mutações do olhar: século XX.** Tradução e revisão Ephraim Ferreira Alves. 3ªed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2009.

DELEUZE, Gilles. **Foucault.** São Paulo: Brasiliense. 5ª ed. 2005

DELEUZE, Gilles. GUATTARI, Félix. **Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia 2, vol. 3.** Tradução de Aurélio Guerra Neto, Ana Lúcia de Oliveira, Lúcia Cláudia Leão e Suelly Rolnik. - São Paulo: editora 34, 2012.

DELEUZE, Gilles. GUATTARI, Félix. **O que é Filosofia?** Tradução de Bento Prado Jr. e Alberto Alonso Muñoz. 3ª edição São Paulo: 34. 2010.

FERNANDES, Ciane. **Pina Bausch e o Wuppertal dança-teatro: repetição e transformação.** - São Paulo: Annablume, 2007.

FERREIRA, Angela. Dança criativa - uma nova perspectiva do ensino e da criação. In: CALAZANS, Julieta. CASTILHO, Jacyan. GOMES, Simone. (orgs.) **Dança e educação em movimento.** - São Paulo: Cortez, 2003.

FOUCAULT, Michael. **História da sexualidade: a vontade de saber.** Graal, 2007.

FOUCAULT, Michel. **A hermenêutica do sujeito: curso dado no Collège de France.** Tradução Márcio Alves da Fonseca, Salma Tannus Muchail. 3ª ed. - São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2010.

FOUCAULT, Michel. Entrevista. In: **Une esthétique de l'existence** (entretien avec A. Fontana), Le Monde, 15-16 juillet 1984.

FRAGA, Alex Branco. Anatomias emergentes e o bug muscular: pedagogias do corpo no limiar do século XXI. In: SOARES, Carmen Lúcia. (org). **Corpo e História.** - Campinas, SP: Autores Associados, 2006. - 3ªed.

FREIRE, Ana Vitória. **Angel Vianna: uma biografia da dança contemporânea.** Rio de Janeiro: Dublin, 2005.





III SEMINÁRIO NACIONAL FONTES DOCUMENTAIS E PESQUISA HISTÓRICA

GOMES, Simone. A dança e a mobilidade contemporâneas. In: CALAZANS, Julieta. CASTILHO, Jacyan. GOMES, Simone. (orgs.) **Dança e educação em movimento**. - São Paulo: Cortez, 2003.

IMABASSAÍ, Maria Helena. Conscientização corporal: sensibilidade e consciência no mundo contemporâneo. In: CALAZANS, Julieta. CASTILHO, Jacyan. GOMES, Simone. (orgs.) **Dança e educação em movimento**. - São Paulo: Cortez, 2003.

LARROSA, Jorge. **Linguagem e educação depois de Babel**. Belo Horizonte, MG: Autêntica, 2004.

LARROSA, Jorge. **Tremores**. Escritos sobre experiência. Belo Horizonte: Autêntica, 2016.

MARTON, Scarlett. 2000. - Só acreditaria em um Deus que soubesse dançar. In FEITOSA, Charles; BARRENECHEA, Miguel A. (orgs.) **Assim falou Nietzsche: memória, tragédia e cultura**. - Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2000.

MATOS, Maria Izilda Santos de. **Por uma História das Sensibilidades**: em foco - masculinidade. Editora da UFPR. Revista: História: Questões & Debates, Curitiba, n. 34, p. 45-63, 2001.

MIRANDA, Regina. Para incluir todos os corpos. In: CALAZANS, Julieta. CASTILHO, Jacyan. GOMES, Simone. (orgs.) **Dança e educação em movimento**. - São Paulo: Cortez, 2003.

NIETZSCHE, Friedrich. **Assim falou Zaratustra**: um livro para todos e para ninguém. Tradução, notas e posfácio Paulo César de Souza. - 1ª ed. - São Paulo: Companhia de Bolso, 2018.

NIETZSCHE, Friedrich. **O nascimento da tragédia ou Grécia e pessimismo**. Trad. Antonio Carlos Braga. São Paulo, SP - Editora Escala, 2011, 2ªed

NUNES, Clarice. Dança, terapia e educação: caminhos cruzados. In: CALAZANS, Julieta. CASTILHO, Jacyan. GOMES, Simone. (orgs.) **Dança e educação em movimento**. - São Paulo: Cortez, 2003.

ORY, Pascal. O corpo ordinário. In: CORBIN, Alain. COURTINE, Jean-Jacques. VIGARELLO, Georges. (orgs.) **História do corpo - As mutações do olhar: século XX**. Tradução e revisão Ephraim Ferreira Alves. 3ªed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2009.

PAGNI, Angelo Pedro. O cuidado de si em Foucault e as suas possibilidades na educação: algumas considerações. In: SOUZA, Luiz Antônio Francisco de. SABATINE. Thiago Teixeira. MAGALHAES, Boris Ribeiro de. (orgs.) **Michel Foucault: sexualidade, corpo e direito**. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2011.





III SEMINÁRIO NACIONAL FONTES DOCUMENTAIS E PESQUISA HISTÓRICA

PESAVENTO, Sandra. “Sensibilidades: escrita e leitura da alma”. In: PESAVENTO, Sandra. LANGUÉ, Frédérique. (Orgs.). **Sensibilidades na História: memórias singulares e identidades sociais**. Porto Alegre: UFGRS, 2007, p. 7-21.

RAGO, Margaret. A aventura de contar-se: Foucault e a escrita de si de Ivone Gebara. In: SOUZA, Luiz Antônio Francisco de. SABATINE, Thiago Teixeira. MAGALHAES, Boris Ribeiro de. (orgs.). **Michel Foucault: sexualidade, corpo e direito**. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2011.

ROCHA, Thereza. Estatismo e movimento: uma certa história do corpo contada pelo rosto de Samuel Beckett. In: CALAZANS, Julieta. CASTILHO, Jacyan. GOMES, Simone. (orgs.) **Dança e educação em movimento**. - São Paulo: Cortez, 2003.

SANT’ANNA, Denise Bernuzzi de. Corpo: objeto de estudo. In: **Corpos de passagem: ensaios sobre a subjetividade contemporânea**. São Paulo: Estação Liberdade, 2001.

SANT’ANNA, Denise Bernuzzi de. É possível realizar uma história do corpo? In: SOARES, Carmen Lúcia. (org). **Corpo e História**. - Campinas, SP: Autores Associados, 2006. - 3ªed.

SANTAELLA, Lucia. **Corpo e comunicação: sintoma da cultura**. São Paulo: Paulus, 2004.

SCHOLZE, Lia. **Narrativas de si e a estética da existência**. Revista: Em Aberto, Brasília. 2007. v. 2, n. 77.

SILVA, Márcio Sales da. **Manoel de Barros, o poeta do dever**. Revista: e-escrita, Nilópolis, v.1, n.1, jan-abr/2010.

SOARES, Carmen Lúcia. Corpo, conhecimento e educação: notas esparsas. In: SOARES, Carmen Lúcia. (org). **Corpo e História**. - Campinas, SP: Autores Associados, 2006. - 3ªed.

SOHN, Anne-Marie. O corpo sexuado. In: CORBIN, Alain. COURTINE, Jean-Jacques. VIGARELLO, Georges. (orgs.) **História do corpo - As mutações do olhar: século XX**. Tradução e revisão Ephraim Ferreira Alves. 3ªed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2009.

TEIXEIRA, Letícia. Conscientização do movimento. In: CALAZANS, Julieta. CASTILHO, Jacyan. GOMES, Simone. (orgs.) **Dança e educação em movimento**. - São Paulo: Cortez, 2003.

